



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um vídeo de moradores de Kiev cantando, enquanto se protegem no metrô.

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



UCRÂNIA

Serviço de Emergência Ucrainiano/AFP



Bombeiros trabalham para combater fogo depois de queda de míssil em Odessa, no sul do país

Serviço de Emergência Ucrainiano/AFP



Casal se abraça diante de local atingido por artefato russo, também na região de Odessa

Serviço de Emergência Ucrainiano/AFP



Psicólogo conforta idosa após ofensiva, em Lutsk, na região de Volyn, no noroeste da Ucrânia

X/Reprodução



Prédio residencial de 38 andares sofre impacto de drone ucraniano, na cidade russa de Saratov

Rússia lança maior ataque em 914 dias

Bombardeio com 236 mísseis e drones atinge infraestrutura do setor elétrico em 15 regiões, mata pelo menos sete civis, fere 47 e provoca condenação dos EUA e do Reino Unido. Moradores de Kiev relatam momentos de tensão ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Há um ditado na Ucrânia segundo o qual "a música é a alma do povo ucraniano". Enquanto armamentos russos cruzavam o céu do país, mais de 52 mil civis buscavam abrigo nas estações de metrô de Kiev, inclusive 4.500 crianças. Em meio ao medo, muitas pessoas entoavam a música *Yak tebe ne lyubty, Kyiye miy?* (Como eu não posso amá-la, minha Kiev?), considerada um segundo hino nacional. Entre 6h e 10h de ontem (zero hora e 4h em Brasília), a Rússia lançou 236 mísseis e drones Shahed contra 15 oblasts (regiões) da Ucrânia, deixando pelo menos sete mortos e 47 feridos, entre eles três crianças e um bebê com menos de um ano.

O maior ataque aéreo em 914 dias de guerra alvejou o sistema elétrico e foi qualificado de "ultra-jante" pelos Estados Unidos. "Condenamos nos termos mais enérgicos possíveis a contínua guerra da Rússia contra a Ucrânia e seus esforços para mergulhar o povo ucraniano na escuridão à medida que a queda se aproxima", declarou John Kirby, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca. O Reino Unido referiu-se à ofensiva russa como "covarde".

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, afirmou que a maioria dos ataques visou a infraestrutura civil crítica. "O setor de energia sofreu danos significativos, mas o trabalho de restauração está em andamento em todas as áreas afetadas pelos blecautes", disse. Ele tornou a pedir que o Ocidente cumpra com os compromissos firmados com Kiev e forneça sistemas de defesa aérea e mísseis. Zelensky acrescentou que o líder russo, Vladimir Putin, somente pode agir dentro dos limites

Roman Pilipey/AFP



Moradores de Kiev buscam abrigo na estação de metrô Teatralna, durante bombardeio russo: canções de resistência e informações pelo celular

estabelecidos pela comunidade internacional. "Fragueza e respostas inadequadas alimentam o terror", advertiu. "Poderíamos fazer muito mais para proteger vidas se a aviação dos nossos vizinhos europeus trabalhasse em conjunto com nossos F-16 e com nossa defesa aérea. Nossos parceiros têm poder de nos ajudar a deter esse terror. A hora para uma ação decisiva é agora."

O Ministério da Defesa da Rússia confirmou que realizou um "bombardeio em larga escala"

contra instalações de energia necessárias para o "funcionamento do complexo industrial-militar da Ucrânia". "Todos os alvos foram atingidos", acrescentou, por meio do aplicativo de mensagens Telegram. Também ontem, um drone ucraniano atingiu um prédio residencial de 38 andares, na cidade russa de Saratov. A imagem do ataque viralizou e lembrou a cena do impacto do avião contra o World Trade Center, durante os atentados de 11 de setembro de

2001, em Nova York. Uma mulher ficou gravemente ferida.

Blecaute

Às 23h25 (17h25), o **Correio** falava com Kyrlyo Lourenko, 56 anos, diretor-executivo da Rádio Hromadske, em Kiev, quando as sirenes antiaéreas soaram na capital. Pela manhã, Lourenko escutou explosões ao longe, enquanto se preparava para uma viagem

de 60km. "Assim que chegamos ao centro de Kiev, voltei a ouvir as explosões. De repente, escutei mais três estrondos altos, o que significava que a defesa antiaérea tinha interceptado mísseis. Meus colegas começaram a relatar a falta de eletricidade em alguns bairros. Percebi que havia um blecaute depois que a chaleira elétrica parou de ferver água, e a máquina de lavar roupa deixou de funcionar, em minha casa. A energia voltou somente por volta das 23h", relatou.

Eu acho...

Arquivo pessoal



"No domingo, a Rússia atacou hotel em Kratomorsk. Uma colega está em estado grave no hospital. Hoje (ontem), outro hotel foi atingido em Kryvyi Rih. As equipes de resgate trabalham sobre os escombros. Amanhã, a Rússia atingirá outro alvo civil em outra cidade. Ninguém se importa com isso. Nossos parceiros internacionais nem mesmo permitem à Ucrânia usar suas armas para atacar instalações militares na Rússia."

Oleksandra Matviichuk, 40 anos, diretora da ONG Centro de Liberdades Civis (Kiev), laureada com o Nobel da Paz, em 2022

As sirenes antiaéreas acordaram Anton Suslov, especialista da Escola de Análise Política (em Kiev), às 3h, antes da onda de ataques. "Tentei voltar a dormir, mas comecei a escutar o barulho da defesa antimísseis no subúrbio de Kiev. Quando me levantei, li nas redes sociais que alguns caças russos Tupolev tinham decolado e, por isso, o disparo de mísseis era altamente provável. O canal da Força Aérea da Ucrânia no WhatsApp reportou diferentes tipos de mísseis atingindo distintas cidades", contou ao **Correio**. "Ao entrar no metrô, vi centenas de pessoas se escondendo. Algumas trabalhavam, outras olhavam a notícia ou abraçavam seus filhos ou animais de estimação. No caminho da estação até a universidade, voltei a escutar explosões e fui direto para o porão."

VENEZUELA

Opositor falta à convocação, e MP envia nova citação

O opositor venezuelano Edmundo González Urrutia não compareceu a uma audiência perante o Ministério Público, que voltou a citá-lo para hoje, em meio a uma investigação penal contra ele, após denunciar fraude nas eleições de 28 de julho. Na clandestinidade há três semanas, González reivindica sua vitória nas eleições nas quais o presidente Nicolás Maduro foi proclamado para um terceiro mandato consecutivo com 52% dos votos. "Convocado pela segunda vez Edmundo González para que compareça nesta terça-feira ao Ministério Público", escreveu o promotor Tarek William Saab, em uma mensagem à agência France-Presse,

acompanhada de uma cópia da citação, que o convoca para às 10h locais (11h em Brasília).

Ameaçado de prisão por Maduro, González é investigado por supostos crimes como "usurpação de funções" e "falsificação de documento público". No domingo, González chamou Saab de "acusador político". "Condena antecipadamente e, agora, promove uma convocação sem garantias de independência do devido processo legal", comentou, em vídeo nas redes sociais, o ex-diplomata de 74 anos, que se pronuncia apenas pela internet.

Maduro chamou González de "covarde", enquanto Saab o responsabiliza, com a líder

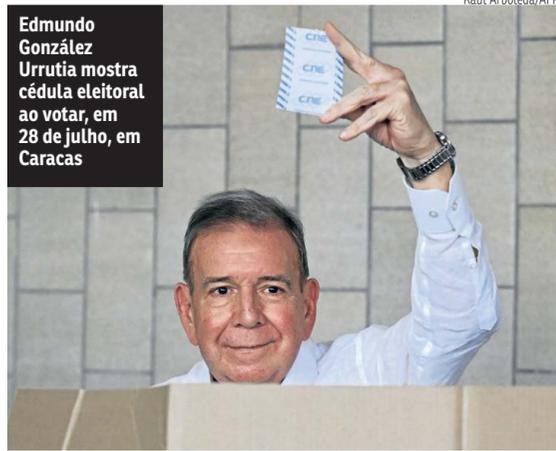
oposicionista María Corina Machado, pelos atos de violência nos protestos pós-eleições que resultaram em 27 mortes, quase 200 feridos e mais de 2.400 detidos. O influente líder chavista Diosdado Cabello também criticou o não comparecimento de González e prometeu "justiça". "Acabaram-se as desculpas, quem atacar as instituições que assumam sua responsabilidade."

Irregularidades

O Conselho Nacional Eleitoral (CNE), próximo ao chavismo, proclamou a reeleição de Maduro para um terceiro mandato de seis anos, com 52% dos votos, sem publicar

as atas de votação de cada seção, como a lei exige. Um dos diretores da autoridade eleitoral, Juan Carlos Delpino, da Venezuela denunciou "irregularidades" nas eleições de 28 de julho.

"Tudo o que aconteceu antes, durante e depois das eleições presidenciais indica a gravidade da falta de transparência e veracidade dos resultados anunciados", escreveu Delpino, que disse não estar presente quando os resultados foram contabilizados totalmente e também passou à clandestinidade. Segundo Cabello, Delpino "abandonou o cargo" ao escapar para a Colômbia com destino final aos Estados Unidos.



Edmundo González Urrutia mostra cédula eleitoral ao votar, em 28 de julho, em Caracas

Raul Arbolada/AFP